

N.º 5 N.º 301

CONSIDERAÇÕES GERAES

SOBRE O TRATAMENTO DA

PUSTULA E CEDEMA MALIGNOS

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

PARA ACTO GRANDE

APRESENTADA Á

ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

PARA SER DEFENDIDA

POR

João Valente da Costa

SOB A PRESIDENCIA

DO EX.^{mo} SNR.

Antonio Ferreira de Macedo Pinto,

LENTE DA OITAVA CADEIRA.



PORTO

TYPOGRAPHIA—PEREIRA DA SILVA

63, Praça de Santa Theresza, 63

1870

12/5 ENC

ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO.

DIRECTOR

O Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Commendador Manoel Maria da Costa Leite

SECRETARIO

O Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Joaquim Guilherme Gomes Coelho

CORPO CATHEDRATICO.

LENTES PROPRIETARIOS

Os Ill.^{mos} e Ex.^{mos} Snrs.:

- 1.^a Cadeira—Anatomia descriptiva e geral..... João Pereira Dias Lebre.
- 2.^a Cadeira—Physiologia..... Dr. José Carlos Lopes Junior.
- 3.^a Cadeira—Historia natural dos medicamentos, Materia Medica..... João Xavier d'Oliveira Barros.
- 4.^a Cadeira—Pathologia geral, Pathologia externa e Therapeutica externa..... Illidio Ayres Pereira do Valle.
- 5.^a Cadeira—Operações chirurgicas e apparatus, com Fracturas, Hernias e Luxações..... Pedro Augusto Dias.
- 6.^a Cadeira—Partos, molestias das mulheres de parto e dos recém-nascidos..... Manoel Maria da Costa Leite.
- 7.^a Cadeira—Pathologia interna, Therapeutica interna, Historia Medica..... José d'Andrade Gramaxo.
- 8.^a Cadeira — Clinica medica. Antonio Ferreira de Macedo Pinto, **Presidente.**
- 9.^a Cadeira—Clinica chirurgica Agostinho Antonio do Souto.
- 10.^a Cadeira—Anatomia Pathologica, com Deformidades e Aneurysmas..... Dr. Miguel Augusto Cesar d'Andrade
- 11.^a Cadeira — Medicina legal, Hygiene privada e publica e Toxicologia geral..... Dr. José F. Ayres de Gouvêa Osorio.

LENTES JUBILADOS

- Secção medica..... José Pereira Reis.
Dr. Francisco Velloso da Cruz.
- Secção chirurgica..... Antonio Bernardino d'Almeida.
Luiz Pereira da Fonseca.
Antonio Ferreira Braga.

LENTES SUBSTITUTOS

- Secção medica..... Joaquim Guilherme Gomes Coelho.
Antonio d'Oliveira Monteiro.
- Secção chirurgica..... Vaga.

Lentes Demonstradores

- Secção medica..... Vaga.
- Secção chirurgica..... Eduardo Pereira Pimenta.

ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

PROFESSORES

O. III.º e Ex.º Sr. Commandador Manoel Maria da Costa Lima

EXERCITANTES

O. III.º e Ex.º Sr. Joaquim Guilherme Gomes Coelho

CORPO CATHEDRATICO

LEITURAS PROPOSITIVAS

O. III.º e Ex.º Sr.

- 1.º Anatomia descriptiva e geral. Sr. Pedro de Almeida
- 2.º Anatomia Pathologica. Sr. José Carlos Lopes Junior
- 3.º Cadaveres - Historia natural. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 4.º Cadaveres - Anatomia geral. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 5.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 6.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 7.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 8.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 9.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 10.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 11.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 12.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 13.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 14.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 15.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 16.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 17.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 18.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 19.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 20.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior

A Eschola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições.

(Regulamento da Eschola de 23 d'Abril de 1840, art. 155.)

- 1.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 2.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 3.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 4.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 5.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 6.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 7.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 8.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 9.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 10.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 11.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 12.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 13.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 14.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 15.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 16.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 17.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 18.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 19.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior
- 20.º Cadaveres - Anatomia especial. Sr. José Xavier d'Almeida Junior

A

MEMORIA DE MEU PAI

JOSÉ VALENTE DA COSTA

EM TESTEMUNHO DE ETERNA SAUDADE

O. D. C.

O Auctor.

AO

MEU RESPEITAVEL TIO E PADRINHO

O REV.^{mo} SNR.

JOÃO VALENTE DA ROCHA

EM TESTEMUNHO DE PROFUNDO RECONHECIMENTO

E

ETERNA GRATIDÃO,

DEDICA

O Auctor.

AO SEU PRESIDENTE

O EX.^{mo} SNR.

ANTONIO FERREIRA DE MACEDO PINTO

FIDALGO CAVALLEIRO DA CASA REAL,
COMMENDADOR DA ORDEM DE N. SENHORA DA CONCEIÇÃO,
CAVALLEIRO DA MESMA ORDEM E DA DE CRISTO,
BACHAREL FORMADO EM MEDICINA E CIRURGIA PELA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA,
LENTE DA ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO,
SOCIO CORRESPONDENTE DO INSTITUTO DE COIMBRA,
DA SOCIEDADE DAS SCIENCIAS MEDICAS DE LISBOA,
E DA ACADEMIA CIRURGICA DE MALHORCA,
MEMBRO TITULAR DO INSTITUTO AFRICANO DE PARIZ,
SOCIO HONORARIO DO CIRCULO SCIENTIFICO ALLEMÃO,
DO CONSELHO DE SUA Magestade FIDELISSIMA, ETC.

EM TESTEMUNHO

DE

RESPEITOSA ADMIRAÇÃO E RECONHECIMENTO

O. D. C.

O Auctor.

PUSTULA MALIGNA

INTRODUCCÃO HISTORICA

Dá-se o nome de pustula maligna a uma affecção de natureza inflammatoria e gangrenosa, determinada pela applicação sobre um ponto da economia d'um virus particular proveniente de animaes; constitue uma doença primeiro local, mas que arrasta bem depressa o desenvolvimento de phenomenos geraes os mais notaveis.

Nos primeiros tempos a pustula maligna era confundida com todas as affecções de natureza, ou d'apparencia gangrenosa, como as anginas gangrenosas, o anthrax benigno, e principalmente os tumores dos empesados, e as affecções d'aspecto analogo, que, sobrevindo em certas febres de mau character, são designadas pelo nome de anthrax maligno, ou carbunculo de causa in-

terna. As erysipelas grangrenosas eram tambem muitas vezes tomadas por pustulas malignas, mesmo por medicos habituados a encontrar estas ultimas.

Apesar d'estas confusões os auctores mais antigos, como Celso e Paulo d'E'gine, tinham alguns conhecimentos da pustula maligna, como se conclue das suas descrições; contudo estavam longe de ter d'ella uma idea bem clara, assim como de a designar pelo nome que hoje tem. Ambrosio Pareu n'uma descripção da peste diz, que o carbunculo é um pequeno tumor, ou pustula maligna.

A pustula maligna era frequentemente communicada ao homem no tempo em que reinavam as epizootias; mas como o numero das victimas na especie humana era muito limitada relativamente ao numero das victimas nos quadrupedes, assim como sendo o tratamento o mesmo, resultou, que esta doença fazia exclusivamente parte do dominio da medicina veterinaria até ao fim do ultimo seculo.

Os factos observados por Duhamel em 1737 e por Morand em 1765 foram os primeiros, que vieram despertar a attenção dos medicos.

Como em 1780 esta doença produzissee grandes estragos em Borgonha, a Academia de Dijon prometteu premios aos medicos que melhor estudassem este assumpto. Foi então que appareceram os trabalhos de Thomasim e de Chambon, mas ainda muito incompletos. Algum tempo depois, em 1780, appareceram os trabalhos de Enaux e Chaussier distinguindo a pustula maligna

d'outras doenças, que sendo a manifestação de affecções geraes ou internas apresentam com ella similhanças maiores ou menores.

Depois d'estes trabalhos appareceram diversas theses ou opusculos relativamente á pustula maligna, mas nada adiantavam.

Foi em 1843 que Bourgois inseriu o seu primeiro trabalho nos archivos geraes de medicina, porque tendo observado um grande numero de casos de pustula maligna notou, que a historia d'esta doença ainda deixava muito a desejar. Até então os symptomas internos apenas eram enunciados d'uma maneira defeituosa; não se encontrava em nenhuma parte indicação alguma sobre as deformidades consecutivas, bem como sobre o genero d'animaes, que pôdem transmittir ao homem este mal. Foi por esta occasião, que este mesmo auctor descreveu uma outra fórma de padecimento da mesma natureza, que ninguem ainda tinha assignalado, a que deu o nome de cedema maligno ou de cedema carbunculo das palpebras, porque o não tinha visto em outra parte até esse tempo, como depois succedeu.

As ideas de Bourgois foram seguidas por quasi todos os auctores de theses mais ou menos notaveis, que tinham por assumpto a pustula maligna, bem como pela maior parte dos praticos, que exerciam a sua clinica em localidades, onde este mal era frequente.

Em seguida aos trabalhos de Bourgois appareceram muitos outros, como os de Rayer, Raimbert, etc., que pouco ou nada adiantam.

Depois da primeira publicação, este auctor encontrou mais de 500 casos de doenças carbunculosas, que vieram apoiar com novos factos as suas primeiras ideas.

Appareceram depois os trabalhos de Guipón, que nada deixam a desejar.

Pelo que fica dito relativamente ao numero de casos de doenças carbunculosas no homem, bem como attendendo ás estatisticas d'outros auctores, se vê o quanto ellas são frequentes em França.

Entre nós não ha dados sufficientes para se avaliar a sua frequencia, mas é de suppor, que se tenham dado numerosos casos, attendendo ao que o snr. J. M. A. de Amorim refere na sua these, bem como ao que me referiram alguns facultativos das proximidades de Ovar, e ao que eu mesmo observei em agosto de 1868, como pôde vêr-se na nota a paginas 66 d'este trabalho.

Para melhor se comprehender o assumpto de que me propuz tratar, apresento em forma de tabella o diagnostico differencial entre a doença carbunculosa no homem, e outras doenças, que com ella mais se assimilham.

SIGNAES DISTINCTIVOS

1.º—Entre a pustula maligna e o herpes

PUSTULA MALIGNA

Nenhuma ou quasi nenhuma febre anterior.

Insensibilidade á pressão.

Serosidade clara das vesículas.

HERPES

Febre ephemera antes da erupção.

Sensibilidade viva á pressão.

Serosidade turva, depois purulenta das vesículas.

2.º—Entre a pustula maligna e o acne

PUSTULA MALIGNA

E' ordinariamente unica.

Insensivel á pressão.

Aréola vesicular.

Sahida de serosidade da pustula.

ACNE

E' geralmente multipla.

Muito sensivel á pressão.

Nenhumas vesículas periphericas.

Sahida de materia sebacea ou purulenta.

3.º—Entre a pustula maligna e o furunculo

PUSTULA MALIGNA

FURUNCULO

Aréola vesicular.	Aréola inflammatoria.
Pressão indolente.	Pressão muito dolorosa.
Nenhum pus debaixo da pustula.	Liquido purulento na base do furunculo.
Ausencia de carnicão.	Presença constante de carnicão.

4.º—Entre a pustula maligna e o pemphigus

PUSTULA MALIGNA

PEMPHIGUS

Apparece em todas as idades.	Affecta principalmente as crianças.
Não affecta de preferencia constituição alguma.	Apparece principalmente nas pessoas fracas ou lymphaticas.
As vesiculas carbunculosas reproduzem-se no mesmo logar.	As vesiculas pemphigoides não se reproduzem no mesmo logar.
Não se secca nem se cura depois de ter sido desnudada.	Secca-se e cura-se promptamente depois de ter sido desnudado.

5.º—Entre a pustula maligna e o ecthyma

PUSTULA MALIGNA

ECTHYMA

E' precedida de prurido.	E' precedido de dôres lancinantes.
--------------------------	------------------------------------

Apresenta uma vesícula no principio.	Apresenta uma bolha no principio.
--------------------------------------	-----------------------------------

Não suppura.

Não tarda a suppurar.

O ponto negro central tem sido precedido de vesícula serosa.

O ponto negro central tem sido precedido de suppuração.

6.º—Entre a pustula maligna e algumas pustulas benignas

PUSTULA MALIGNA

PUSTULAS BENIGNAS

Vesícula inicial pouco duradoura.

Vesícula inicial estacionaria durante muitos dias.

Aréola vesicular.

Nenhuma aréola vesicular.

Ausencia de dôres vivas.

Dôres vivas na pustula e região.

7.º—Entre a pustula maligna e a erysipela gangrenosa

PUSTULA MALIGNA

ERYSIPELA GANGRENOSA

Symptomas geraes pouco assignalados no principio.

Symptomas geraes muito assignalados no principio.

Inflammação fraca e limitada.

Inflammação extensa.

Escara regular com aréola vesicular.

Escaras regulares sem aréola vesicular.

Nenhuma suppuração.

Fócos profundos de suppuração.

8.º—Entre o edema maligno e o edema simples ou benigno

CEDEMA MALIGNO

Symptomas geraes.

Nenhuma causa externa apreciavel.

Dureza central.

Phlyctenas disseminadas.

Inutilidade dos topicos.

CEDEMA BENIGNO

Ausencia de symptomas geraes.

Causa externa facil em provar.

Ausencia de dureza.

Nenhumas phlyctenas.

Successo prompto dos topicos emollientes ou adstringentes.

9.º—Entre o edema maligno e a erysipela subaguda

CEDEMA MALIGNO

Principia pelas palpebras, peito, pescoço, sovaco.

Nenhuma comichão nem dôr pela pressão.

Tumescencia consideravel, irregular, molle, excepto n'um ponto.

Nenhuma mudança de temperatura ao tacto.

ERYSIPELA SUBAGUDA

Principia pelo nariz, ou ouvido.

Comichão constante, dôr pela pressão.

Tumescencia moderada, uniforme, dura por toda a parte.

Calôr ácre ao tacto.

10.º — Entre o carbunculo symptomatico e o anthrax benigno

CARBUNCULO SYMPTOMATICO

É precedido ou acompanhado de symptomas geraes muito pronunciados.

Tumôr unico, que augmenta rapidamente e torna-se violaceo, negro, moderadamente doloroso.

Apparição de phlyctenas na visinhança.

Marcha rapida.

Nenhuma suppuração nem carnicção.

ANTHRAX BENIGNO

Symptomas geraes brandos no principio.

Principia por furunculos muito pequenos, que se reúnem e formam um tumor rubro apenas violaceo, muito doloroso.

Nenhumas phlyctenas na visinhança.

Marcha lenta.

Suppuração, carnicção consideravel.

11.º — Entre a febre carbunculosa e a febre perniciosa

FEBRE CARBUNCULOSA

Nenhuns accessos intermittentes anteriores.

Ausencia de periodo febril.

Progressos da doença regulares e continuos.

Contagio interno pela respiração ou digestão.

FEBRE PERNICIOSA

Accessos intermittentes anteriores.

Periodos de febre mais ou menos consideraveis.

Progressos da doença irregulares e bruscos.

Nenhum contagio apreciavel.

12.º — Entre a febre carbunculosa e a febre adinamica

FEBRE CARBUNCULOSA

Nenhum caracter typhoide.

Ausencia de manchas rosadas, petechias.

Dôres abdominaes pouco constantes, geraes, espontaneas.

Marcha rapida.

Medicação incerta, pouco util.

FEBRE ADINAMICA

Symptomas typhoides pronunciados.

Manchas rosadas, petechias.

Dôr na fossa iliaca direita, constante, provocada.

Marcha mais lenta.

Medicação bem indicada, e ordinariamente util.

TRATAMENTO DA PUSTULA MALIGNA

Depois de ter dado algumas ideas sobre o diagnostico differencial da pustula maligna, por isso que convem conhecer o melhor possivel um padecimento para o tratarmos convenientemente, vou entrar no assumpto da minha these.

E' da maior importancia reconhecer o mais cedo possivel a pustula maligna para lhe applicarmos o tratamento conveniente, o qual será tanto mais efficaz, quanto fôr applicado o mais proximo possivel da sua appareição. Se o pratico fôr chamado no primeiro periodo d'esta molestia, basta muitas vezes só agentes destruidores, mas se elle é chamado n'um periodo adiantado, isto

é, quando apparecer um apparelho symptomatico de en-
toxicação maligna, então tem de evitar, que nova quan-
tidade de virus entre na corrente circulatoria, e de aju-
dar o poder de reacção da economia do doente com al-
guma medicação propria para neutralisar o virus absor-
vido.

Pelo que fica dito se vê, que temos de applicar
medicamentos externa e internamente, d'onde convém
dividir o tratamento da pustula maligna em externo e
interno. Como o tratamento local é o primeiro de que o
pratico lança mão, é por esse que devemos principiar,
seguindo depois o tratamento geral, terminaremos com
o tratamento prophylatico.

ARTIGO I

Tratamento cirurgico, externo, ou local

A primeira indicação a prehencher é destruir o
virus carbunculoso no logar onde elle foi depositado, e
onde produziu os seus primeiros effeitos. O pratico não
se deve importar com a destruição das partes sans,
quando seja necessario destruil-as para assim destruir o
virus. Não quero com isto dizer, que elle deva destruir

os tecidos a torto e a direito, mas sim de modo que o virus fique localmente destruido, e o doente não venha depois a soffrer as más consequencias d'uma medicação sem tino.

A cura da pustula maligna tem sido em alguns paizes, se não em todos o monopolio dos charlatães e ainda hoje se encontra muito d'isso. Diziam elles, que possuiam um segredo infallivel, com que curavam todo o individuo, que estivesse affectado de pustula maligna, quando muitas vezes não eram mais, que simples bobos sem importancia alguma emquanto ao perigo.

Estes curandeiros d'ambos os sexos empregavam preparados mais ou menos activos e ridiculos; assim uns empregavam as gemas d'ovos, ou algum corpo gorduroso misturado muitas vezes com verdete, com capa rosa azul, e alguns com sublimado, etc. Felizmente uma tal praga já vai diminuindo, ainda que seja muito numerosa entre nós, parece-me, que desaparecerá com o andar do tempo. Não deixarei de mencionar aqui, que certos facultativos das aldeas, os d'uma ordem inferior, possuem certas formulas efficazes para certas e determinadas doenças, (segundo dizem) as quaes ou são só d'elles conhecidas ou foram transmittidas por outros charlatães.

I

Natureza e valor relativo dos meios locais empregados ou propostos contra a pustula maligna.

Os meios locais de que se tem lançado mão para destruir o virus da pustula maligna, tem sido o instrumento cortante e os causticos.

INSTRUMENTO CORTANTE

Ainda que a acção dos causticos seja sufficiente para destruir localmente o virus, comtudo muitas vezes deve ser ajudada pelo ferro; se a pustula é superficial e facilmente atacavel basta só fazer escarificações com o bisturi, ou excisões com thesouras curvas; se a ella é dura, deprimida, de base profunda e resistente, então as incisões devem ser mais completas, e a dissecação tão ra-

dical, quanto possível; d'este modo a acção do caustico é mais certa, mais regular, e mais prompta.

A extirpação principiou a pôr-se em pratica no 17.º seculo, e desde então até hoje tem-se quebrado lanças pró e contra. Énaux, Chaussier, Nelaton, Bourgois e outros dizem, que este methodo deve ser banido da pratica, por isso que é muito doloroso, por mais habil, que o pratico seja, póde muitas vezes não chegar a destruir todo o virus, e quando o consiga, o doente não está ao abrigo d'uma recidiva, que segue uma marcha tão rapida, como seguiria no caso de se lhe não ter applicado tratamento algum, além de que é um meio barbaro, que em certos casos deve produzir perdas consideraveis de substancia, e póde dar logar a uma hemorrhagia difficil em suspender.

Guipon diz, quo os doentes supportam facilmente acção successiva do bisturi e do ferro quente, por isso que muitas vezes as partes affectadas estão n'uma insensibilidade quasi completa, além de que a acção do caustico empregado só obra mais lentamente e causa dôres mais continuas, de modo que em logar de se abreviar a duração total da operação, augmenta-se. Se ha perdas de substancia e póde haver hemorrhagia, tambem isto póde succeder com a applicação só dos causticos. Finalmente a razão e a experiencia mostram, que a acção do instrumento cortante combinada com a dos causticos dão mais poder e certeza á arte, principalmente nos casos graves.

Quem lêr Bourgois relativamente ás incisões e es-

carificações, vê o quanto elle se pronuncia contra esta pratica, accusando-a de barbara, dizendo que tem o inconveniente de produzir hemorragias bastante nocivas aos doentes debilitados pelo virus maligno, além da dôr que produz, e das cicatrizes, que resultam.

Emquanto á hemorrhagia nós temos meios para a suspender no caso de não obedecer aos causticos empregados para neutralisar o virus maligno. A dôr é quasi sempre moderada. Ora attendendo ás vantagens já apontadas em outra parte relativas á acção do ferro e comparando-as com as desvantagens, tiramos a conclusão de que antes de cauterisar devemos cortar. ¹

CAUTERISAÇÃO

Os causticos dividem-se em actuaes e potenciaes.

CAUTERIO ACTUAL. O cauterio actual é empregado desde a mais remota antiguidade para destruir os tumores de natureza, ou de apparencia carbunculosa. Pouteau no ultimo seculo era grande partidario d'este modo de destruir o virus maligno. Entre nós tambem tem havido e ha muitos partidarios.

Para fazermos esta cauterisação basta lançar mão de qualquer haste de ferro, que na occasião melhor se preste para o fim desejado, e mandal-a aquecer até ao

¹ Couper et bruler, dit énergiquement um de nos rapporteurs. Guipon. De la maladie charbonneuse de l'homme. Paris, 1867, pag. 235.

rubro branco para assim destruímos o virus maligno depois de a ter convenientemente applicado sobre a pustula.

Devemos notar, que a escara produzida por este cauterio tem apenas dous a três millimetros de espessura, e que se nós prolongarmos ou repetirmos a cauterisação, a escara augmenta muito pouco em espessura por causa do obstaculo, que a primeira oppõe á transmissão do calorico.

Foi isto que fez com que muitos medicos fizessem cauterisações repetidas e por fim abandonassem este processo. Por tanto para evitarmos este inconveniente devemos, como fazem muitos medicos, dar alguns golpes cruciaes na pustula, e sua excavação no caso d'ella ser pouco dura e pouco extensa, ou então extirpal-a até ás partes molles e sans, sendo possível, se fôr profunda e tiver a forma do tumor. Se se praticasse d'outro modo, tanto o doente como o medico desanimariam, aquelle por se ver exposto a um processo um pouco barbaro com tão pouco resultado, este por ver que opera ás cegas, causando dôres e julgando ter ultrapassado o mal, ou não ter destruido todo o virus. As dôres não são tão atrozes, como se poderia suppor, attendendo que a parte está pouco sensivel, e o ferro n'esta temperatura desafia menos dôres.

A par d'estas desvantagens ha vantagens, como são, a facilidade do emprego do caustico actual, podendo o medico cauterisar como entender, evitando algum orgão importante; promptidão d'acção e a reacção in-

flammatória em torno da pustula ser mais prompta e viva do que pelos cáusticos potenciaes.

Bourgois no seu tratado de pustula maligna e de œdema maligno (1) combate este modo de cauterisar por causa do horror e terror, que causa a alguns doentes em virtude do apparelho de supplicio e tortura, bem como pelo sibilo e fumo com cheiro de carne queimada, sem que a cauterisação seja profunda. Continua dizendo, que só em ultima instancia, é que lançaria mão d'este meio tão barbaro. Eu não sou de opinião, que se abandone completamente este meio de cauterisar, porque muitas vezes é o unico mais prompto, que temos á mão, como quando a casa do paciente fica distante d'alguma pharmacia, como succedeu ao proprio Bourgois, segundo elle mesmo menciona na sua observação 48.^a Emquanto ao terror eu não me importava, porque é de pouca duração, e emquanto á escara, nós temos meios de levarmos a cauterisação até onde quizermos, tendo previamente dado alguns golpes na pustula ou tumôr.

CAUTERIO POTENCIAL

Data do tempo de Celso o uso de medicamentos, que queimam, mas só passados seculos é que a materia medica se enriqueceu d'estas substancias, que tem o poder desorganisador dos tecidos.

(1) Obra citada, 1864, pag. 237.

Os causticos potenciaes dividem-se em dous generos, liquidos e solidos.

CAUSTICOS LIQUIDOS. Estes causticos são muito numerosos, eu mencionarei os principaes. O acido sulfurico, o acido nitrico, e o acido chlohydrico são os mais empregados e convem, quando as pustulas malignas principiam a apparecer, tendo-se dado algumas incisões na vesicula inicial. Quando a pustula fôr mais desenvolvida então em logar dos causticos mencionados devemos servir-nos do nitrato acido de mercurio, ou da manteiga de antimonio, por terem maior poder destruidor, tendo previamente cortado as partes mortificadas. Para applicarmos estes causticos devemos embeber planchetas de fios mais ou menos espessas, segundo o effeito que se quizer obter, e collocal-as na parte, que se quizer cauterisar até obter uma escara, que se julgue sufficiente.

Estes causticos teem o inconveniente de escorrer pelas partes sans, e por isso só devem ser applicados na ultima necessidade, segundo a sua acção.

CAUSTICOS SOLIDOS. Os causticos solidos, que mais teem sido usados são o nitrato de prata, a potassa, a pasta de Vienna, o chlorureto de zinco e o sublimado corrosivo.

O nitrato de prata deve ser applicado, quando a inoculação é recente, e o virus occupa as partes mais superficiaes por ser o mais fraco de todos. Poucas vezes é empregado.

Quando as pustulas são recentes, e um pouco pro-

fundas, alguns praticos applicam a potassa caustica, ou a pasta de Vienna, que são faceis de manejar, teem um modo de acção prompto e regular. Para se fazer uso de qualquer d'estes causticos faz-se uma incisão crucial na pustula maligna e applica-se por cima uma rodela de sparadrapo com um buraco, que tenha um diametro quasi igual ao da escara, que se quer produzir; depois colloca-se no referido buraco uma porção d'algum dos causticos mencionados, terminando pela applicação dos devidos appositos, que se molham com vinagre aromatico.

A pasta de Canquoim tambem tem produzido bons resultados no tratamento da pustula maligna, porque obra lenta, profunda e regularmente.

Finalmente o sublimado corrosivo é um dos causticos que mais voga tem tido. Era aquelle de que se serviam os charlatães com o titulo de remedio secreto, e para que se não viesse no conhecimento de tal segredo coravam-no umas vezes com colcothar, outras com minio.

Raimbert diz que o sublimado é um dos melhores causticos a empregar contra a pustula maligna; sendo convenientemente applicado, como em outra parte veremos, obtem-se effeitos seguros e certos. Este caustico está hoje já muito vulgarisado em algumas partes de França, e se elle o não está em toda a parte é pelo receio, que os medicos teem dos accidentes causados pela absorpção d'este medicamento. Quando elle seja convenientemente applicado não produz maus accidentes. Tanto a potassa

caustico; como o sublimado corrosivo são os dois causticos de que Bourgois mais tem usado, e que mais defende.

II

Modo da applicação dos meios locais

Logo que qualquer doença carbunculosa se revele debaixo da fórma de pustula maligna ou de tumor maligno, o pratico deve immediatamente destruir as partes carbunculosas, lembrando-se que é um foco d'onde irradiarão os accidentes consecutivos.

Quando o contagio é recente basta applicar o nitrato de prata, tendo previamente dado uma leve incisão nos tecidos affectados para favorecer o derramamento sanguineo, e facilitar a acção do caustico.

Quando a pustula maligna principia a manifestar-se então devemos lançar mão d'outros meios mais energicos; assim, depois de se ter dado uma incisão crucial ou uma excisão, deve applicar-se uma plancheta de fios embebido em acido azotico ou sulphurico. No caso de não termos á mão algum d'estes causticos ou o acido chlorydrico devemos substituil-os pelo ferro em brasa. Se a pustula estiver mais desenvolvida, existindo juntamente uma aréola vesicular com tumescencia periferica, devemos cortar toda a parte superficial da pustula, ap-

plicar por cima uma plancheta de fios embebida de nitrato acido de mercurio, ou então uma porção de pasta de Vienna, do caustico de Filhos, ou de potassa caustica. Estes tres ultimos devem ser preferidos pela razão, que já dei do inconveniente do caustico liquido escorrer pelas partes sans e desorganisal-as.

CAUTERISAÇÃO PELO FERRO RUBRO. Este cauterio pode-nos prestar grandes serviços, quando não tivermos á mão algum dos causticos potenciaes solidos. Se no dia seguinte virmos, que a cauterisação foi insufficiente, o que se conhece pela escara, que não é bem caracteristica, pela dôr, inflammação e tumescencia, que não progrediram, então devemos extrahir a escara formada, bem como as novas porções carbunculosas e renovar a cauterisação com maior rigor.

Se a doença estiver mais adiantada formando um tumor desenvolvido, duro e enterrando-se nos musculos, vasos, etc., devemos dissecal-o poupando os orgãos importantes, que se reconhecem facilmente pelo seu aspecto, e depois cauterisar a parte com o cauterio actual, até destruir toda a parte carbunculosa, principalmente alguma porção, que escapou ao ferro cortante. Feito isto deve-se applicar compressas de agua fria.

Alguns praticos, querem que só se pare com a cauterisação quando os doentes accusarem uma forte dôr, mas esta pratica não se deve seguir, porque alguns doentes são pusilamines e queixam-se apenas virem o ferro incaudescente, outros corajosos e cheios d'amor proprio não se queixam, e finalmente outros não se queixam,

porque estão entorpecidos, e por isso o melhor meio e mais seguro é o pratico governar-se por si, apereciar a extensão, e intensidade do mal e proporcionar-lhe os meios curativos; d'este modo quasi sempre basta uma só cauterisação.

Se apparecerem os symptomas d'uma infecção carbunculosa geral não devemos deixar de cauterisar, porque se por este meio não podemos destruir o virus absorvido e espalhado por toda a economia, podemos ao menos destrui-lo localmente e assim evitar a absorção d'uma nova quantidade, alem de se exercer uma revolução activa e poderosa, contrabalançando a influencia septica sobre a economia.—Estes meios só se devem empregar quando não tivermos á mão alguns dos causticos potenciaes solidos, como a potassa caustica, o sublimado corrosivo, o pó de Vienna, o chlororeto de zinco, etc.

E' d'estes que se servem muitos medicos experimentados e habeis. Em alguns paizes onde a pustula maligna é muito frequente não se servem d'outros. ¹

Se houverem phlyctenas em grande numero na vizinhança da pustula ou do oedema malignos, em lugar de serem abertas e submettidas a acção d'algun caustico, o melhor é não as abrir nem cauterisar, por ser uma operação inutil e poder dar logar a inconvenientes.

¹ Guipon, obr. cit. pag. 214.

CAUSTICOS SOLIDOS

Dos causticos solidos só tratarei da potassa caustica e do sublimado corrosivo por serem aquelles mais geralmente empregados, e que Bourgois recommenda com muita instancia, fundando-se nos bons resultados por elle obtidos.

CAUTERISAÇÃO PELA POTASSA CAUSTICA. E' a potassa caustica aquelle agente destruidôr, que Bourgois prefere.

Para applicar este agente, colloca-se no centro do botão maligno uma porção de pedra proporcional á cauterisação, que se quizer fazer, tendo previamente levantado a escara para não enfraquecer a acção do caustico, depois cobre-se tudo com uma porção de sparadrapo. Este modo de applicar o caustico tem seus inconvenientes, porque se a lesão tiver logar n'uma superficie mais ou menos vertical, a serosidade da vesicula tendo augmentado por causa da irritação do caustico, este dissolve-se, produz escaras largas, anfractuosas, prolongadas, disformes e mais ou menos dolorosas, deixando as partes affectadas de serem atacadas convenientemente.

Para remediar estes inconvenientes tem-se applicado o caustico do modo seguinte. Colloca-se sobre a lesão uma porção de sparadrapo com um buraco no centro igual á superficie, que se quer cauterisar, colloca-se n'es-

se buraco um fragmento de potassa, cercando-a com algodão fino para absorver a parte diffluente, depois cobre-se tudo com uma porção de sparadrapo.

Apesar d'estas modificações, ainda não deixam de haver inconvenientes; foi para os remediar, que Bourgoyis imaginou o seu processo de cauterisação por diluição, o qual consiste em formar uma especie de magma dos tecidos desorganizados, passando o caustico circularmente sobre as partes affectadas. Eis o processo.

Mandando assentar ou deitar o doente, segundo convier para que a parte, que se quer cauterisar fique n'uma posição a mais horisontal possivel, pega-se n'um cilindro de potassa bem secca com uma pinça de curativo, ou colloca-se n'um porta-pedra, e fricciona-se leve e circularmente a escara, bem como as vesiculas, que a circumscreve. Passado pouco tempo as vesiculas rompem-se, e a serosidade dissolve uma porção do caustico, a qual penetrando nas carnes as desorganisa. As partes desagregadas reúnem-se circularmente sobre os bordos da escavação feita pelo caustico. Continua-se a cauterisação até que, o fundo da escavação tenha uma côr rubra, e algumas vezes até que appareça sangue, principalmente quando houver tumescencia ou dureza. Ordinariamente pára-se quando a escavação tiver dois a tres millimetros de profundidade.

Deve-se ter o cuidado de limpar essa especie de magma resultante da dissolução dos tecidos, porque contém uma grande quantidade de alcali caustico, que escorrendo pelas partes sans desorganisa-as.

Muitas vezes a escara é secca, curiacea e impede a acção do caustico, e por isso é necessario extrahir-a toda ou em parte para que o caustico produza o effeito desejado. Tambem devemos extrahir alguma porção de tecidos desorganizados e refractarios á dissolução, os quaes se conhecem pela fórma conica, que apresentam no fundo da excavação.

Póde algumas vezes succeder não haver vesiculas, e por isso faltar a serosidade para dissolver o caustico; mas attendendo á sua avidez para a humidade, e em virtude da irritação produzida pelas fricções repetidas, não tarda a haver uma especie de secreção serosa sufficiente, para que a pedra principie a dissolver-se, prefere a derme e chegue a atacar o tecido cellular subcutaneo.

Algumas vezes acontece haver um escoamento de sangue negro um pouco abundante, mas com qualquer curativo pára.

Quasi sempre é em muito pequena quantidade, apenas chega a tingir os residuos das carnes. Se a pustula fôr pequena e superficial basta apenas fazer uma leve cauterisação e limpar os residuos para não escorrem e cauterisarem as partes sans. Se existir na face uma pustula maligna pequena deve-se aguçar a pedra para se evitar o mais possivel uma deformidade inutil e penivel.

A cauterisação deve exceder alguns millimetros em extensão e profundidade os limites da pustula maligna ou carbunculosa para termos a certeza, de que não ficou

porção alguma de virus por destruir. Algumas vezes convém deixar no fundo da excavação uma pequena quantidade do caustico, para destruir alguma porção de pustula maligna, quando se suspeite, que não está de todo destruida.

Terminada a cauterisação devemos pôr sobre a escara uma pequena rodella de agarico bem meduloso, d'um diametro um pouco mais extenso, do que o da solução de continuidade. A rodella adhire de tal modo, que não cahe senão juntamente com a escara, ainda que se ponham por cima compressas molhadas. Basta só este curativo no caso de não haver tumescencia, e quando o estado do doente fôr quasi normal, além d'isso o doente póde continuar a trabalhar.

E' escusado applicar emplastos e compressas com o fim de garantir a pequena ferida do contacto do ar, bem como para absorver completamente os restos do caustico, que sempre fica mais ou menos. Bourgois ¹ diz que paticára numerosas cauterisações, sem que se produzissem accidentes alguns, ainda mesmo quando tocára em orgãos importantes, onde as pustulas carbunculosas se tinham desenvolvido. O auctor dá a seguinte explicação a esse respeito: a mortificação natural não passa além da pelle quasi nada, e nos casos intensos a tumescencia, que é devida ao engorgitamento do tecido celular subcutaneo, desvia os tugmentos das partes importantes, como vasos, nervos, trachea, olho, etc., onde

¹ Obra cit. pag. 249 e seg.

a ferida seria grave. Esta tumescencia é tanto mais desenvolvida, quanto estes órgãos, que não mudam de lugar em igual caso, e experimentam antes um recalamento interno, são normalmente mais superficiaes, por que o tecido connetivo, que os une á pelle é muito laxo, de largas malhas e mais susceptivel de inchação, e termina dizendo, que é necessario que o pratico seja pouco dextro, ou imprudente para determinar taes lesões.

Se houverem algumas phlyctenas distantes da pustula, pódem ficar intactas; se a parte onde ellas se manifestaram não fôr muito apparente, basta passar levemente a pedra por cima das bolhas, que estão na visinhança da aréola vesicular.

Esta operação é bastante dolorosa, mas a dôr termina pouco tempo depois, só no caso de ficar alguma porção de potassa é que se prolonga por mais algum tempo. Doze horas depois da cauterisação, a escara artificial apresenta uma côr negra, menos secca e menos dura, do que a da pustula maligna; comprehende dois a cinco millimetros as carnes vivas alem dos pontos atacados pela pedra; a invasão está em relação com a intensidade da acção do caustico. A escara é arredondada, apresenta uma superficie com círculos concentricos, ondulosos, e no centro uma pequena tumescencia, que está em relação com a mortificação primitiva. E' mais ou menos abatida relativamente ás partes visinhas, segundo que o esphacelo espontaneo era mais ou menos dilatado; se não tem occupado, senão uma parte da espessura da pelle, apenas apresenta uma leve depressão, mas quan-

do a inchação continua a progredir, então é muito notavel. Se antes do tratamento existir uma tumescencia de certa importancia, a escara é separada das partes vivas da pelle por um circulo vesiculoso, continuo, d'uma côr cinzenta, formando uma especie de fita circular, a qual apresenta uma saliencia d'um a dois millimetros, d'uma superficie enrugada, contendo uma serosidade de côr arruivada muito pouco abundante, infiltrada entre as laminas epidermicas desviadas. Esta fita vesiculosa falta quasi sempre em casos de pustulas superficiaes, não se parece com a aréola vesicular natural, e distingue-se facilmente das bolhas ou phlyctenas, que pôdem apparecer em redor d'ella. Por fóra d'este circulo os tegumentos tomam quasi sempre n'uma certa extensão uma côr mais viva, do que tinham antes. Este rubor é devido a acção irritante da potassa.

Se a pustula é pouco extensa, a escara, que é pequena, estreita e delgada, principia a destacar-se pela sua circumferencia passados dez ou doze dias, cahindo inteiramente uma semana depois pouco mais ou menos, e arrastando o disco de agarico, que a ella estava intimamente adherido. A cicatriz arredondada, um pouco saliente no principio, d'uma côr rubra carregada, ou de tijolo, deprime-se mais tarde d'uma maneira desagradavel: passados alguns annos apresenta uma cor branca ou de madre-perola.

Quando houve grande perda de substancia, a escara no fim de oito a dez dias principia a cercear-se por seus bordos, que se desviam das carnes visinhas, as

quaes se tornam rubras, e se inflammam n'uma certa distancia: apparece uma suppuração fétida, botões carnosos principiam a desenvolver-se elevando os tecidos esphacelados, que acabam de cahir no fim de tres a cinco semanas, e ás vezes mais se a mortificação tiver sido muito extensa. A' medida que as partes se vão tornando fluctuantes devemos extrahil-as com thesouras e não esperar a sua queda. Logo que a ferida fique descoberta, principia a limpar-se e a cicatrisação faz-se rapidamente, se a cauterisação não tiver ido muito longe, ou se não houverem escaras secundarias, bem como se a constituição do doente não estiver viciada.

SUBLIMADO CORROSIVO

O sublimado corrosivo era o agente, que empregavam os charlatães mais intelligentes, foi d'elles, que este medicamento passou a pôr-se em uso na medicina regular. Muitos medicos francezes servem-se d'elle quasi exclusivamente, quer em pó, quer em pequenos fragmentos crystallinos.

Este caustico tem sido empregado de varios modos; eu vou descrever o processo de Raimbert, por me parecer o mais vantajoso.

Principia-se por dar dois golpes cruciaes na escara, extrahil-a, e abrir as phlyctenas da aréola, depois colloca-se por cima uma porção de sparadrapo com uma

abertura central, que abranja não só a cavidade, que resultou d'esta operação, mas também a aréola, enche-se de pequenos fragmentos cristallizados de sublimado, e colloca-se por cima de tudo uma outra porção maior de sparadrapo coberta com unguento de *la mère* ou outro para melhor fixar os pequenos fragmentos, e fixa-se tudo com uma compressa e uma atadura. E' escusado dizer, que a abertura no sparadrapo é para evitar, que os pequenos cristaes caiam e se espalhem pelas partes sana mortificando-as.

E' necessario 24 horas pouco mais ou menos para que esta cauterisação se acabe e chegue a um centimetro de profundidade. Para que a cauterisação seja mais profunda é necessario, que a pelle seja antes tirada, o melhor é dar dois golpes em fórma de cruz e cortar seus bordos.

A escara é cinzenta, secca, de fórma geralmente irregular, e excedendo os tecidos sobre que se applicou o sublimado. Este caustico em excesso fica sobre a escara, e é muito raro que appareça o ptyalismo.

Esta cauterisação tem sido posta em pratica por muitos facultativos, mas alguns teem apontado casos de envenenamentos terriveis causados pela influencia do uso externo d'esta substancia e algumas difformidades, que não existiriam se applicasse-mos outros causticos, além d'algumas salivações. Châteaudem cita uma mortalidade de 17 sobre 48, e Bourgois mencionando este facto diz, que nunca vira tamanha mortandade, e attribue parte d'ella ao uso do sublimado. Guipon diz, que não ha incon-

veniente em applicar o sublimado, com tanto que seja em pequenos fragmentos, porque assim a sua acção é menos lenta e não produz o ptyalismo, nem o envenenamento. Talvez fosse por causa d'estes inconvenientes, que Bourgois collocasse este caustico em segunda classe, segundo diz Guipon. Eu sigo a opinião de Bourgois, só quando não tivesse a potassa caustica, é que lançaria mão do sublimado, para não ter de lamentar algum accidente.

III

Processo mixto pelo fogo e causticos

As pustulas malignas muito graves e d'uma marcha rapida algumas vezes não obedecem ao caustico actual, nem ao caustico potencial, e então é racional e boa pratica combinar estas duas cauterisações, isto é, cauterisar primeiro com o ferro em braza, e depois com a potassa, ou com o sublimado, etc. Depois de se ter limpado o sangue ou alguma substancia, que obstrua a excavação feita pelo cauterio actual, quando isso seja necessario, deve collocar-se na excavação alguns fragmentos de potassa, applicando depois um aparelho contetivo, como acima fica dito.

Alguns substituem a potassa por camadas de fios embebidos em um caustico, o qual se retira no fim de algumas horas, isto é, deixa-se estar mais ou menos tempo segundo a extensão e a profundidade dos tecidos, que se quizerem destruir. Eu não seguiria este processo pelo inconveniente, que resulta do caustico escorrer, e mortificar os tecidos por onde passa.

O maior inconveniente, que resulta da cauterisação mixta é a dôr, que se prolonga, até que o agente destruidor deixe de estar em contacto com os tecidos.

Depois de levantado o apparelho deve applicar-se fomentações frias e emollientes permanentemente para acalmar a dôr pungente e moderar os effeitos da reacção.

IV

Processo da cauterisação disseminada

Chabert diz, que quando o tumor carbunculoso fôr antigo, volumoso, e existir n'elle gangrena, devemos escarificar, cortar, o que estiver mortificado, cauterisar o fundo, e circumscrever toda a ferida com o cauterio actual elevado ao rubro branco, tocar todos os pontos alterados penetrando até ás carnes sans. Se a marcha da doença fôr rapida, devemos circumscrever to-

da a escara, bem como os tecidos, que estão em volta n'uma extensão de tres a quatro centímetros aproximadamente para fóra da circumferencia da escara.

Os imitadores de Chabert ainda vão mais longe, havendo oedema cauterisam-n'o; se o tumôr é mais extenso conduzem o fogo até aos ultimos limites da região affectada; se existem phlyctenas, applicam o caustico sobre cada uma d'ellas, outras vezes circumscrevem toda a extensão do oedema por um sulco de cauterisação.

Alguns ainda fazem mais, dão em todos os sentidos incisões profundas, e applicam seis e mais cauterios n'estes sulcos. Ora basta reflectir um pouco para condemnar este processo immediatamente.

Um meio tão barbaro está condemnado por quasi todos os praticos, que se teem occupado da pustula maligna. Os auctores do compendio de cirurgia ¹ dizem que estes meios só se pódem reservar para os casos mais graves, e quasi desesperados, com o fim de produzir uma excitação viva e de provocar uma reacção franca e sustentada nos tecidos accommettidos de asthenia, e que resistirão a todo o estimulante menos energico. Guipon assim como os medicos de Beauce, dizem, que quando o oedema fôr consideravel, coberto de phlyctenas, ainda que o foco do mal tenha sido destruido, e a tumescencia possa resolver-se pouco a pouco, a cauterisação disseminada póde ajudar a cura, não como destruindo ou jugulando o virus, mas desenvolvendo uma reacção mais vi-

¹ Obr. cit. tom. 1.º pag. 275.

va, mais extensa, que localise mais a doença, e diminua sua força de expansão. Eu só n'um caso extremo é que usaria d'este processo tão barbaro, lembrando-me, que muitas vezes o edema peripherico cede em dois ou tres dias, que se seguem á operação principal, ou se resolve depois de ter parecido tomar maior desenvolvimento consecutivamente á destruição do tumor.

Alguns praticos, querem que quando o mal continue a invadir, se continue tambem com as cauterisações, mas é mais prudente não voltar a ellas, por isso que o mal já vai mais longe, já todo o organismo está infectado.

Póde acontecer, que os symptomas tanto locaes, como geraes continuem sua marcha ascendente, e determinem a morte, ainda que a pustula maligna esteja no seu principio, e sem que os symptomas geraes tenham sido bem manifestos; mas isto acontece muito poucas vezes, porque quando o mal é atacado radicalmente desde o principio, ordinariamente a absorção deixa de fazer-se, mas póde succeder, que o pratico seja chamado muito tarde, quando a tumescencia fôr mais ou menos consideravel, e existirem já symptomas de entoxicação, porque n'este caso apesar d'uma boa cauterisação os symptomas locaes e geraes pódem continuar a progredir, como que nada se tivesse feito, então a tumescencia augmenta consideravelmente, o seu centro torna-se duro, cobre-se de phlyctenas, o quebrantamento augmenta, o pulso torna-se pequeno, os vomitos apparecem, etc. Tudo isto indica, que já existia uma certa quantidade de vi-

rus na torrente circulatoria, quando o medico destruiu, o que existia localmente, n'este caso não fez mais do que obstar, a que uma nova quantidade fosse absorvida, mas apesar d'isso nunca se deve perder as esperanças de salvar o doente, ainda que a dose do virus absorvido tenha sido grande. Bourgois conseguiu salvar alguns doentes em casos desesperados, como pôde vêr-se nas suas observações 21.^a, 24.^a, 32.^a e outras, e termina dizendo que é n'este caso, que convém lançar mão das cauterizações secundarias.

V

Meios topicos accessorios

Muitos teem sido os meios accessorios, que se teem empregado para ajudar a combater a pustula maligna; a maior parte d'elles ou são prejudiciaes, ou inertes, assim tem-se empregado as sangrias locaes, que enfraquecem a resistencia organica do doente, produzem feridas, que se pôdem tornar graves; as ligaduras dos membros acima do mal, que podendo obstar á absorção d'uma nova quantidade de virus, pôdem tambem favorecer a gangrena; o chlororeto de sodio, o fel de boi secco, esse remedio secreto, que os Estados de Proven-

ça compraram tão caro, o qual não era mais que vitriolo e gemas d'ovos, etcl, etc. Comtudo algumas substancias ha, que teem sido e ainda são empregadas para ajudar a cura, e a combater os accidentes, taes são a pomada mercurial com um oitavo de camphora applicada não só em volta do tumor, mas tambem em toda a extensão do engorgitamento, as fomentações, os banhos emollientes locaes, ou a agua ardente camphorada, logo que a reacção desapareça.

Nelaton, Raphael e outros dão a preferencia ás folhas de nogueira, como melhor topico accessorio para uns, e como topico principal, e reputado efficaz para outros.

Raphael diz, que a applicação unica das folhas frescas, ou da casca fresca dos novos rebentões de nogueira deve ser repetida de tres em tres horas, depois de se ter aparado o botão caracteristico, e deixado secar a ferida; que d'este modo obtivera 59 curas sobre 62 casos, concluindo, que ou houvera erro de diagnostico, ou que a pustula maligna era a mais das vezes benigna, e que n'este caso a cauterisação não sendo completa, anima e torna a pustula maligna, ou que as folhas e a casca de nogueira teem uma efficacidade poderosa contra este padecimento, e termina dizendo, qualquer que seja o tratamento escolhido convém, que os doentes não arrefeçam, que transpirem, que não molhem a parte doente, e que se faça cessar toda a complicação saburral e biliosa, que muitas vezes apparece.

Em quanto ao erro de diagnostico claro está, que

se poderia enganar, porque isto succede relativamente ás muitas outras doenças, demais Mougeot diz, que antes da incisão julgava poder affirmar a existencia da pustula maligna 11 vezes sobre 17 casos, ao passo que depois da incisão conheceu, que só podia affirmar a sua existencia 6 vezes sobre os 17 casos, e termina dizendo, que se tivesse applicado as folhas de nogueira, ficaria pensando, que tinha curado mais 5 casos de pustula maligna bem caracterisada. Em quanto á segunda parte podia dar-se o caso das pustulas malignas serem pouco graves, lentas na sua marcha, e que tendo-lhe dado incisões no seu principio poderia ter-se tirado a maior parte, senão a totalidade do virus, que existisse n'ella, e que o succo da nogueira acre e adstringente não faria mais do que o officio d'um fraco cathetico. Demais teem havido pustulas malignas d'uma reacção inflammatoria localmente pronunciada e que se teem curado espontaneamente. Finalmente algumas substancias inteiramente inertes teem sido applicadas no tratamento das pustulas malignas, como succedeu ao proprio Raphael com a azeda cozida misturada com enxundia, bem como ao sr. Schwan, que recommendava com grande confiança o decocto de casca de carvalho em applicação sobre as partes doentes, mesmo sem ter feito escarificações. Guipon diz, que o succo da nogueira tem uma virtude não especifica, mas adstringente, e que póde dar bom resultado no principio da doença e nos casos menos graves da pustula maligna, mas que se não deve contar com isso.

Relativamente ás cauterisações incompletas parece não haver outro inconveniente, do que aquelle que resulta do virus não ser totalmente destruido.

Terminando direi com Guipon, que as folhas de nogueira não teem poder algum real sobre a pustula maligna.

Alguns auctores teem tambem empregado o acido phenico, pensando que elle neutralisaria o virus carbuncoso do mesmo modo, que neutralisa certos virus, como entre outros a vacina, mas a experiencia nada tem mostrado de favoravel a tal respeito.

VI

Cuidados que se devem prestar aos doentes depois da cauterisação

Se depois da cauterisação não houver tumescencia, nem accidentes gerães não é necessario prestar cuidados alguns. Se houver alguma tumescencia basta envolver a parte de lã ou algodão para a conservar quente e evitar o contacto do ar.

Se a tumescencia tiver grande desenvolvimento,

se houver um apparato morbido intenso, e o paciente fôr obrigado a estar na cama, então devemos cobrir as partes com compressas molhadas em decoctos de sabugueiro ou de quina, com uma ou mais colheres d'alcool camphorado segundo a gravidade, para favorecer a resolução da tumescencia e excitar uma inflamação francamente phlegmonosa. Deve evitar-se, que as peças do curativo arrefeçam, e se fôr necessario animar as partes tumefactas, devemol-as polvilhar com uma pequena camada de farinha de mostarda fina e bem igualada para não produzir escaras em volta da pustula.

Quando o engorgitamento diminuir sensivelmente, devemos apressar a queda da escara assim como a supuração da ferida, fazendo uso do unguento de *la mère*, ou do unguento basilicão acompanhado de cataplasmas emollientes, e logo que a escara tenha cahido então devemos fazer uso do cerato de estoraque com extracto de quina, ou de cerato simples. Se a vegetação fôr consideravel devemos reprimil-a com o nitrato de prata ou com o alumen calcinado.

E' necessario notar, que a applicação de certos unguentos sobre a pelle d'alguns individuos produz erupções vesiculosas, que algumas vezes se confundem com a erysipela; estas vesiculas apparecem frequentes vezes e pôdem durar muitos mezes, e por isso é necessario persuadir os doentes, que estas vesiculas não são carbunculosas, mas sim devidas aos unguentos ou pomadas. Se depois da cessação dos accidentes proprios ao virus carbunculozo sobrevierem phenomenos de natureza in-

flammatoria, sub-inflammatoria, e mesmo gangrenosa, devemos applicar um tratamento topico appropriado.

VII

Tratamento local do edema maligno

Quando não houver induração nem phlyctenas (o que succede quasi sempre) devemos empregar todos os esforços para mudar o modo de vitalidade morbida, desafiando uma inflammção franca e substitutiva pelo emprego de agentes mais ou menos excitantes e levemente cathetericos. Tambem se póde tirar alguma utilidade do nitrato de prata fundido, dos sinapismos brandos, da tintura de iodureto iodado. Se apparecerem bolhas caracteristicas, assim como escaras, devemos empregar alguns fragmentos de sublimado, ou de potassa caustica; quando as vesiculas occuparem uma grande superficie devemos destruir as partes centraes da mesma superficie em que estão, bem como o ponto onde ellas primeiro se manifestaram; quando isto tiver logar nos olhos ou accessorios, então devemos abster d'esta operação. O ferro em brasa não deve ser applicado no caso de edema maligno, porque a sua acção excita uma inflammção mais viva e mais franca do que os causticos potenciaes. O

edema maligno é mais grave do que a pustula maligna, porque o virus acha-se mais disseminado, e é mais facil de absorver em grande quantidade. Feita a cauterisação devemos empregar em largas e frequentes fricções a pomada mercurial camphorada e as fomentações de quina renovadas muitas vezes.

VIII

Paralelo entre a cauterisação potassica por diluição e a cauterisação pelo sublimado corrosivo.

A potassa caustica e o sublimado corrosivo são quasi os unicos causticos empregados na cauterisação da pustula maligna. Bourgois recommenda muito a potassa e estabelece um paralelo entre ella e o sublimado.¹

Se applicarmos o sublimado, ainda que seja entre duas porções de sparadrapo tendo a interna uma abertura central, não se sabe bem, o que se faz, basta o menor movimento do doente para deslocar o apparelho, e a cauterisação ser incompleta, ou atacar tecidos sãos. O

¹ Obra cit., pag. 281 e seg.

mesmo succederia com a potassa applicada do mesmo modo, o que não succede se fôr applicada segundo o processo de Bourgois. D'este modo em logar da cauterisação ser feita ás cegas, é dirigida pela vista e intelligencia.

E' necessario que o pratico, que applica o sublimado, tenha um certo habito e experiencia, além de o ter visto empregar, para se não expôr a produzir horrorosas mutilações, o que não succede com a potassa, tendo-se lido, o que fica dito acima.

O sublimado póde dar lugar á salivacção, e por consequinte produzir accidentes graves, o que não succede com a potassa.

O apparelho de que se lança mão para applicar a potassa é muito mais simples do que aquelle que é necessario para applicar o sublimado, e é necessario fazer alguns golpes mais profundos nas partes sans, do que quando se emprega a potassa, resultando certo horror, dôres intensas e hemorrhagias.

As estatisticas mostram, que ha maior mortalidade nos doentes tratados pelo sublimado do que pela potassa, pois que a mortalidade está na rasão de um para 2,8 n'aquelles e d'um para 7,5 n'estes.

O sublimado dá logar a cicatrizes maiores, mais irregulares e mais profundas do que a potassa; finalmente aquelle póde dar logar a adherencias das cicatrizes aos ossos, o que se não tem observado com esta.

ARTIGO II

Tratamento interno ou medico

O tratamento interno da pustula e edema malignos tem por fim combater o virus septico, que circula na economia, e ajudar a natureza a eliminá-lo do organismo, do que se vê que se devem applicar os tónicos, os antisepticos e uma boa alimentação.

Se apesar da operação cirurgica, os symptomas de entoxicação se pronunciarem; se os mesmos symptomas existirem desde o principio, isto é, suspeitando-se que ha infecção, deve eliminar-se o virus por todas as vias, e neutralisá-lo por alguns dos meios, que serão mencionados n'este artigo.

O tratamento geral da doença carbunculosa no homem pôde dividir-se em tratamento pelos evacuantes, pelos antisepticos e pelos tónicos, mas antes de fallar de elles, direi duas palavras relativamente ao methodo antiphlogistico, que gosou de grande fama em outro tempo, havendo hoje ainda, quem o empregue.

1.º Tratamento antiphlogistico

As sangrias eram larga e frequentemente empregadas no ultimo seculo por quasi todos os medicos na cura da pustula maligna, só os curandeiros não recorriam a ellas, n'isto mais sabios que os proprios medicos, segundo diz Bourgois, com tudo ainda haviam alguns que repelliam tal methodo, assim como entre nós ainda ha quem o defenda.

Esta pratica de sangrar era fundada sobre a idea de que extrahindo sangue, se extrahia juntamente a materia pecante, fundando-se tambem na apparencia inflammatoria do tumôr.

Pertender curar pela diminuição da massa sanguinea uma doença virulenta é ir de encontro ás leis da physiologia, da pathologia e da experiencia. O virus ou veio de fóra e estaciona ainda nos tecidos, ou foi já absorvido e entrou na torrente circulatoria. No primeiro caso, diminuindo o liquido virificador, estimulo geral da economia, a reacção vital diminue tambem, e a doença de local se tornará em geral; em ambos os casos as sangrias enfraquecendo os doentes, além do enfraquecimento produzido pela doença, podem tambem concorrer poderosamente para um termo fatal. De mais, a experiencia tem mostrado, que se abandonarmos alguns animaes ao curso natural da molestia, e se praticarmos a san-

gria em igual numero, que estejam nas mesmas condições, a mortalidade n'estes é maior. Alguns partidarios dos antiphlogisticos faziam a cauterisação e depois applicavam as sanguesugas, de modo que quando houvesse algum resultado favoravel não se podia attribuir antes á sangria do que á cauterisação.

Não é possível dar uma demonstração rigorosa do proveito dos antiphlogisticos na therapeutica das doenças carbunculosas, porque a razão e a experiencia depõem soberanamente contra ella.

2.º Tratamento evacuante

Debaixo d'esta denominação comprehendem-se os sudorificos e os vomí-purgativos.

SUDORIFICOS. Os sudorificos muito usados pelos antigos, como sendo proprios para favorecer a sahida dos principios morbidos miasmaticos, são quasi abandonados na pratica habitual das doenças carbunculosas; contudo não se devem desprezar, quando existirem symptomas de entoxicação, ainda que seu papel seja secundario. Portanto, podemos recorrer algumas vezes aos diaphoreticos simples, taes como as infusões de tilia, de borragem, etc., ou aos sudorificos propriamente ditos, como o oxido branco d'antimonio, e principalmente aos saes ammoniacaes.

VOMI-PURGATIVOS. Estes medicamentos teem sido

aconselhados por uns, e reprovados por outros, varias curas se observaram em casos em que elles tinham sido empregados, mas não está verificado se são devidas a estes medicamentos se aos meios locais e geraes empregados juntamente. Comtudo os vomitivos são indicados no principio da febre de entoxicação, ou proximo da convalescença, quando as vias digestivas ficarem embaraçadas. Em quanto aos purgativos póde tirar-se alguma vantagem d'elles, sendo dados no curso da doença, quando as funcções digestivas estão perturbadas. Alguns auctores dizem, que reconheceram sérios inconvenientes, quando os empregavam. Quando se fizer uso d'estes medicamentos deve ser moderada e opportunamente.

3.º Tratamento antiseptico

Muitos são os medicamentos antisepticos, que se teem empregado na cura da pustula e do oedema malignos, entre outros os seguintes; as folhas de nogueira, a canella, a arnica, a serpentaria, o ether, a camphora, os resinosos, a ammoniac liquida ou no estado de sal e o acido phenico. A maior parte d'elles não póde ser prescripta senão como adjuvante d'uma medicação principal.

De todos os antisepticos é a ammoniac e seus compostos, que merecem especial menção: este medicamento é empregado pelos Allemães em altas doses nas doenças

septicas. Obra não só como sudorifico, como já vimos, mas também como estimulante geral. A ammoniaca é substituída pela triaga entre os Inglezes, principalmente quando as forças do doente estão ameaçadas.

Guipon diz, que obtivera curas inesperadas pelas preparações ammoniacaes em dois casos de tumores carbunculoses, que tinham resistido ao tratamento local. O primeiro era um tumor carbunculoso consideravel do antebraço, o qual tinha resistido á extirpação, á cauterisação mais energica pelo ferro rubro, e á applicação do acido azotico; o segundo era um cedema maligno da face, precedido d'uma pequena pustula na sobrancelha, a qual sendo extrahida e cauterisada fortemente no segundo dia, poz o doente n'um perigo extremo. N'um e n'outro caso prescreveu independentemente dos meios ordinarios, o acetato de ammoniaca, elevando a dose até 50 grammas nas 24 horas n'um dos doentes. O resultado foi dos mais promptos, e d'uma evidencia tal, que não podia deixar de o attribuir ao tratamento pela ammoniaca.

O auctor termina dizendo, que, ainda que não tenha havido um numero sufficiente de observações, se deve empregar a ammoniaca nos casos de febre carbunculosa primitiva ou secundaria, pois que sendo um estado morbido dos mais graves e em que a cura seria difficilmente obtida, cederá a este medicamento se ella não fôr muito intensa, nem muito antiga. O preparado de ammoniaca, que se deve preferir é o acetato, que se póde elevar á dose de 50 grammas ou mais sem receio algum, quando assim se torne necessario.

4.º Tratamento tonico

Este tratamento compõe-se dos tonicos propriamente ditos e do regimen. Deve-se recorrer a elle sempre, ainda que se conte com os bons resultados da medição local.

TONICOS. Dá-se o nome de tonicos aos medicamentos amargos, principalmente á quina e suas preparações. Podemos administrar o decocto de quina não só no exterior, mas tambem no interior unida á serpentina, ou á cascarrilha, outras vezes debaixo da fórmula de extracto unido a uma poção estimulante, na qual entrará o acetato d'ammoniaca, ou mesmo em clysteres com este ultimo sal, se o estomago a não poder accitar, havendo nauseas ou vomitos.

Devem modificar-se estas differentes formulas durante o curso do tratamento; o extracto molle deve ser dado no periodo mais grave, o decocto na convalescença, e vinho quinado simples ou com o extracto durante a convalescença. Colson diz que tem tirado bons resultados ha 40 annos, do sulfato de quina interiormente na dose d'uma gramma e mais por dia, associado com o almiscar, e do uso da limonada vinosa adoçada com o xarope de quina amarella.

REGIMEN. O alimento deve ser tão substancial quanto possa ser tolerado pelo estomago; os caldos, o

succo da carne, enquanto não fôr possível tomar esta, as carnes cozidas ou assadas, e os legumes succulentos, logo que as vias digestivas os possam tolerar e digerir facilmente. O vinho e as limonadas vinosas são uteis em todos os periodos da doença; se não poder ser tolerado pelo estomago, deve dar-se em clyster.

Em geral, se o indivíduo affectado de doença carbunculosa não apresentar symptomas alguns de entoxicação, póde, apesar da cauterisação, continuar seu regimen de vida e mesmo entregar-se ás suas occupações sem inconveniente, não deixando arrefecer a parte affectada.

Quando o segundo periodo da doença principiar, isto é, quando houver quebrantamento de forças, cephallalgia, uma incapacidade maior ou menor para o trabalho, e o appetite quasi ou todo perdido, então é necessario prohibir-o de trabalhar, obrigar-o a estar na cama, ou pelo menos em casa, segundo as suas forças e a gravidade dos accidentes. A alimentação será limitada a alguns caldos ou sopa.

Quando a entoxicação estiver n'um grau mais adiantado, quando houverem nauseas, vomitos, o pulso diminuir em volume e se tornar frequente; quando a temperatura do corpo diminuir, houver fraqueza e lypothymias, então o doente será obrigado a estar na cama; se a lingua estiver saburrosa e houver vomitos, póde administrar-se um vomitivo, composto sobre tudo de ipecacuanha, cuja dóse variará segundo a idade desde duas grammas a uma ou menos ainda; sendo uma criança deve dar-se o xarope d'ipecacuanha. Este medicamen-

to faz acalmar os vomitos e as nauseas espontaneas. Deve administrar-se bebidas tonicas, bem como ammoniacaes mornas; tambem se pôdem dar frias se o doente tiver repugnancia para ellas mornas, mas isto no caso de anteriormente não haverem arrefecimentos. O doente estará bem agasalhado, e collocar-se-hão algumas garrafas d'agua quente junto aos membros e ao longo do tranco.

Quando o doente fôr atacado por symptomas, que constituem a phase mais adiantada do segundo periodo, isto é, quando fôr atormentado por uma sêde ardente, o pulso fôr irregular e d'uma pequenez extrema ou insensível, o corpo estiver gelado, o envoltivo cutaneo azulado, devemos empregar só os tonicos, as bebidas mornas e a ammoniaca. Deve-se conservar a temperatura do corpo pela applicação do calorico artificial, bem como pelos sinapismos nas extremidades inferiores.

Quando os symptomas graves diminuirem, e que uma reacção salutar appareça, devemos ir parando com os medicamentos excitantes até fazer uso só de bebidas frescas aciduladas.

A' medida que o doente se fôr restabelecendo, assim iremos modificando o regimen, até poder fazer uso d'uma alimentação variada, e entregar-se ao trabalho.

ARTIGO III

Tratamento prophylatico

Dá-se o nome de prophylaxia no nosso caso ao conjuncto de meios ou medidas proprias para prevenir a doença carbunculosa, ataca-la nas suas causas e impedir seu desenvolvimento. Os meios prophylaticos geraes, que passamos a examinar pôdem ser classificados em duas cathegorias principaes, a saber, meios hygienicos e meios administrativos.

1.º—Meios hygienicos

Estes meios pôdem dividir-se em preventivos propriamente ditos, e em curativos.

MEIOS HYGIENICOS PREVENTIVOS. Entre outros temos, a diminuição na quantidade do gado reunido n'um mesmo logar, a sua disseminação, a moderação do trabalho sobre tudo em tempos de epizootia, a proporção bem calculada entre o numero de animaes e os curraes,

uma boa ventilação e limpeza, a extracção diaria dos esterco dos curraes, a lavagem, a cama do gado feita amiudadas vezes, a caiadura das paredes, finalmente mandar mudar o gado dos curraes para outros distantes, que estejam em boas condições hygienicas.

A causa predisponente mais certa está na alimentação: esta deve ser variada, de pastos frescos ou bem conservados, como a alimentação secca e substancial alternada com alimentação verde e aquosa. Deve dar-se aos animaes polpas de beterrabas frescas, ou em menor quantidade e juntamente com boa forragem, farello, etc.

Logo que a epizootia appareça, deve haver todo o cuidado n'uma boa alimentação; se ella tomar grande desenvolvimento devem pôr-se em pratica os meios hygienicos acima mencionados.

Quando a epizootia reinar epidemicamente deve insistir-se sobre o emprego dos mesmos meios e recomendar, que o gado seja tirado do curral, onde estava para outros distantes por mais ou menos tempo, que faça viagens repetidas, e que a alimentação seja mudada. Guipon cita dois exemplos, que confirmam, o que fica dito.

No primeiro diz elle, que fallando com um cultivador lhe perguntára se o seu gado costumava ser affectado da epizootia, o qual lhe respondera, que muito poucas vezes, e que até tinha comprado rebanhos dizimados por essa doença, e que ella se dissipava logo que elle tomava posse do gado. Guipon passou então ao exame do terreno, que fornecia o pasto, e notou, que esta-

va situado n'um estreito valle humido e pouco fertil; perguntou então se o gado se tornava anemico, e elle disse-lhe que sim, sendo forçado a dar-lhe ferro muitas vezes. Concluiu então o auctor, que além da mudança de lugar, era necessario mudar tambem a alimentação.

O segundo exemplo é o seguinte. Um cultivadôr vendo que o gado d'um visinho era bastante dizimado pela epizootia, aconselhou-o a que o mandasse para uma floresta densa e humida, que estava d'ali distante algumas legoas; a mortalidade, que ainda foi sensivel nos primeiros dias da chegada do gado á dita floresta, desapareceu, mas continuando a ficar ali morreu de cachexia.

Não deixarei de mencionar outro caso tambem importante: um agricultor, que parecia habitar n'um paiz de boas condições hygienicas, notou que o seu gado era dizimado pela epizootia, resolveu mandal-o para uns parentes, que moravam distantes 20 legoas, e logo, que o gado lá chegou, a mortalidade parou.

Do que fica dito se conclue, que a mudança de logar, bem como do pasto é o melhor meio de evitar a epizootia. Muitas vezes não é necessario mudar o gado para muito longe; ha exemplos de cultivadôres não soffrerem nada ou quasi nada nos seus rebanhos, ao passo que os visinhos soffrem perdas consideraveis, por isso que a alimentação do gado não está em tão boas condições hygienicas pela differença do terreno.

Em Beauce os pastores conduzem o gado affectado do sangue do baço para Perche, planura visinha, on-

de o terreno é argilo-siliceoso, compacto, frio e humido, interrompido por encostas ricas em prados naturaes, abrigados por arvores, e mattas, que os não deixam secar de verão, e entreteem a humidade e frescura da atmosphera.

Guipon termina fallando d'um agricultor, que tendo um rebanho de 1:000 a 1:500 animaes, notou que ali andava a epizootia, recommendou que o gado fosse alimentado pela manhã cêdo com pasto coberto de orvalho, e a mortalidade parou. Continuou com este modo de alimentação, acompanhada d'um exercicio mais repetido e não tornou a soffrer perdas, ao passo que os vizinhos continuaram a tel-as consideraveis. Mais uma prova de que a mudança de alimentação é util.

MEIOS HYGIENICOS CURATIVOS. Estes meios dirigem-se mais á causa directá, ao mal existente: a primeira cousa a fazer é o isolamento dos individuos doentes, depois o apartamento, a destruição ou enterramento prompto dos animaes mortos, bem como de toda a substancia, que pôde conter e communicar o virus.

Muitas teem sido as tentativas para atacar o mal no seu começo ou para o fazer abortar, assim teem sido empregados os saes de ferro, de soda, o enxofre, o arsenico em bebida, mas não teem dado resultado algum, como o mostram as experiencias d'animaes sujeitos a este tratamento comparadas com igual numero sem tratamento algum. Guipon aconselha o desenvolvimento permanente de vapores ammoniacaes no meio dos curraes, e continua dizendo, que talvez fosse preferivel

a dissolução da ammoniaca e seus saes lançada no pasto.

As sangrias teem sido empregadas sem resultado algum favoravel, como em outra parte fica dito.

Do que fica exposto se conclue, que é só na hygiene, que podemos fundar a maior esperanza para impedir a explosão da doença, e para moderar os estragos.

Relativamente ás pessoas, que curam ou despojam os animaes carbunculosos, é necessario recommendar-lhes, que evitem um contacto muito prolongado, que não levem os dedos sujos de materia virulenta por descuido ou para coçar, sobre alguma parte do corpo, ¹ porque

¹ A esse respeito tivemos occasião de observar em Agosto de 68, o que se segue:

.....Um lavrador da freguezia de Valega, concelho de Ovar, comprou uma junta de bois no dia 6 do corrente, e no dia 9 appareceu um morto. Sendo a carne repartida ao povo no dia 10, resultou o que passo a narrar. O baço do boi estava muito entumecido, cheio de phlyctenas, e em principios de putrefacção. No dia 18 appareceram phlyctenas no pescoço e face do lado esquerdo d'um dos donos do boi, acompanhadas de grande comichão e no dia 19, já o pescoço se confundia com o tronco, havendo além d'isso uma grande pustula maligna na face esquerda. Veio o dyspnea, o coma, etc., e no dia 21 falleceu o doente. Este homem tinha esfolado, amanhado e cortado a carne do referido boi.

Um irmão do defunto, que o tinha ajudado no mesmo mister, apresentou-me hoje cinco grandes pustulas malignas no ante-braco esquerdo, tendo de diametro as maiores aproximadamente quatro centimetros. Além d'isso tinha uma no dedo pollegar esquerdo e outra no dorso da mão direita, tendo de diametro aproximadamente cinco centimetros. Tinha tambem um grande numero d'ellas pequenas nos labios, os dentes abalados, as gengivas descarnadas e um halito fetido. O doente disse-me, que nada d'isto ti-

deve ser por este meio, que numerosas vezes o contagio directo se tenha produzido em logares occultos; que lavem immediatamente as mãos e ante-braços com agua de sabão, ou com lixivia de cinza, ou sobre tudo com uma solução de chlororeto de sodio para neutralisar as propriedades das substancias carbunculosas.

As lavagens com o acido phenico e as unturas com gorduras teem sido aconselhadas para diminuir as faculdades absorventes da pelle. Deve recommendar-se, que não toquem nem se deitem em logares occupados por animaes carbunculosos.

Se qualquer individuo se cortar, quer tratando, quer operando algum animal carbunculozo, deve fazer

nha antes do apparecimento das pustulas malignas. Vi dois homens visinhos d'estes, os quaes estavam recebendo a carne da mão dos cortadores, e entregando-a ao povo, que tinham um d'elles uma pustula maligna no ante-braço direito, cujo diametro era aproximadamente de cinco centimetros, tendo todo o braço entumecido e a sensibilidade perdida, o outro uma menor no ante-braço esquerdo.

Finalmente, vi uma mulher com uma pustula maligna no dedo indicador direito. Esta mulher tinha estado a cortar a carne, que tinha ido buscar do referido boi para coser, tinha-a lavado e dado a agua a um porco, o qual morreu.

Contou-me pessoa digna de credito, que vira outra mulher com uma pustula maligna no dedo medio, originada por ter tido o dedo em contacto com a carne, quando a levava para casa. Disse-me mais que um cão do lavrador, a quem havia morrido o boi, morrera tambem, e que os porcos morreriam se a veterinaria lhes não valesse.

Quasi todas as pustulas estavam cercadas de phlyctenas. —
JOÃO VALENTE DA COSTA, (*Commercio do Porto* de 28 de Agosto de 1868.)

sangrar a ferida o mais cedo possível, empregando para isso a pressão ou mesmo ventosas e depois embebel-a d'ammoniaca, ou melhor ainda, cauterisal-a com o nitrato de prata.

2.º Meios administrativos

Quando uma epizootia carbunculosa se manifesta, quasi sempre se passam duas cousas igualmente deplo-raveis e perigosas. O cultivador illude-se ou persuade-se que o mal é desconhecido, que não commetteu falta alguma para que elle apparecesse, e que seus vizinhos, que usavam das mesmas precauções, não se queixavam de que doença alguma tivesse atacado seu rebanho, e porisso occulta cuidadosamente, o que existe no seu ga-do, ou suspeitando, que algum dos seus animaes está affectado, trata logo de o vender por todo o preço sem se importar do mal, nem damno, que d'ahi póde resultar. Outros, lembrando-se de que a mudança de logar e as viagens são salutaes, vão vender o gado a feiras dis-tantes, e mesmo para ficarem livres do todo e qual-quer damno. O comprador movido pelo mesmo inte-resse, ou pelas mesmas convicções, occulta o que sabe, e vende, o que lhe parece affectado, bom ou mau. D'es-

te modo, o mal vai propagar-se, onde era desconhecido, ainda que as circumstancias não sejam muito favoraveis ao seu desenvolvimento.

Se algum animal morre, o dono finge ignorar a causa da morte ou a dissimula, manda cortar o cadáver, conserva ou vende a pelle (para não perder tudo), e manda enterrar o cadaver por um criado, ou encarrega qualquer individuo de o remover d'ali, resultando algumas vezes graves inconvenientes. Algumas vezes, quando o animal está a morrer, acabam de o matar, e repartem-n'o pelo povo por modicas quantias. ¹

E' d'este modo, que criados, feitores de quintas, compradores de pelles, de lã, cortadores, etc., contraem a doença, e geralmente por não usarem das precauções as mais simples, as mais elementares, que não basta só aconselhar, é necessario impol-as e prescrevel-as rigorosamente debaixo da responsabilidade das auctoridades locais.

Se a venda dos animaes carbunculoses vivos, ou mortos fosse submettida a uma policia tão vigilante como a do contrabando, de certo que os casos do carbunculo e das diversas epizootias se tornariam mais raras.

Em resumo, para que se evite o mais possivel a epizootia nos animaes, e por conseguinte as doenças carbunculosas na especie humana, é necessario, que se po-

¹ Veja-se a nota pag. 66.

nham em pratica as prescripções seguintes, as quaes vem apontadas por Guipon.

1.º Nenhum proprietario póde vender gado algum em quanto não tiver desaparecido a epizootia de seus rebanhos. Depois poderá fazel-o, com tanto que a venda seja acompanhada por um attestado do administrador do concelho e d'um veterinario, declarando desde que tempo deixou de se manifestar a doença contagiosa no seu gado.

2.º Logo que alguma doença contagiosa se declare n'um rebanho, o proprietario ou outra qualquer pessoa deve informar o administrador.

3.º Logo que a auctoridade superior tiver noticia, de que ha no seu concelho algum animal com molestia contagiosa, deve mandar um veterinario examinal-o. Esta visita deve ser repetida todos os mezes, até que o mal desapareça.

4.º Conhecida a existencia de epizootia deve ser annunciada, para que o publico conheça o estado das cousas e as medidas de precaução.

5.º Quando a epizootia reinar n'um curral, o gado será isolado, de modo que não cause damno algum.

6.º Todo o animal suspeito será abatido preventivamente sendo o dono indemnizado pelo municipio.

7.º Todo o animal, que morrer de carbunculo será cortado em pedaços, comprehendendo a pelle, e enterado a um metro e meio de profundidade no mesmo

dia da sua morte. Os pedaços serão enterrados misturados com cal viva.

8.º Os esfoladores serão prevenidos da causa de morte para que se acautelem, principalmente cortando-se.

9.º Nenhuma pelle de animal morto de carbunculo poderá ser entregue á industria. ¹

10.º Os curraes, onde reinou a epizootia, devem desinfecar-se pelos meios apropriados, que a sciencia aconselha, e a que já me referi em outra parte, bem como não se deve lá metter gado por algum tempo.

Guipon termina dizendo, que não se pôde prevenir a extensão da doença, senão exercendo uma severa vigilancia relativamente aos proprietarios de animaes mortos d'inflammação gangrenosa, e obrigando-os a enterar o cadaver immediatamente a uma certa profundidade.

Vicherat diz, que a boa hygiene e uma alimentação conveniente é a melhor barreira contra a epizootia carbunculosa.

Loyer prescreve o isolamento absoluto dos individuos doentes, recommenda que ninguem se sirva dos objectos do penso, e do trabalho tendo sido tocados pelos ditos doentes, sem que estejam completamente desinfecados, que se limpe bem todo o alojamento e os objectos ahi contidos, e que se tratem do mesmo modo os ani-

¹ Segundo algumas pessoas, as pelles carbunculosas conhecer-se-hão por uma côr d'um rubro vivo da superficie interna, quando estiverem frescas, e d'um negro mais ou menos pronunciado, quando estiverem seccas.

maes, que estiveram sujeitos ás mesmas causas, que os affectados.

Ahi fica exposto tudo quanto me parece de util ao homem relativamente ao tratamento da pustula e do edema malignos; é o quanto pude colher dos livros que compulsei.

«O conveniente é a melhora FIM. Tiberat diz que a boa higiene e uma alimenta-
rpiduções.

Alu. contrahos, e que se tratam da mesma modo os ani-
craos, que se limpam bem todo o alojamento e os objectos
ditas doentes, sem que estejam completamente desinfe-
rectos do pezo, e do trabalho tanto sido tocados pelos
dits doentes, recomendo que ninguém se sirva dos ob-

1 Segundo algumas pessoas, as pelles espinhosas empal-
tescê-las por uma cota dum tipo vivo da superfície interna.
Quando estiverem frescas e d'um preto mais ou menos prumi-
nho quando estiverem secas.

PROPOSIÇÕES

ANATOMIA.—Seguimos a opinião dos que affirmam a existencia de fibras musculares no baço.

PHYSIOLOGIA.—O baço é um órgão formador de fibrina á custa de globulos sanguineos que se destroem.

MATERIA MEDICA.—Não ha medicamentos abortivos.

PATHOLOGIA EXTERNA.—A extracção do cancro apenas é uma cura palliativa.

MEDICINA OPERATORIA.—Na operação da talha deve preferir-se o processo em dois tempos de Vidal (de Cassis).

PATHOLOGIA INTERNA.—A auscultação e a percussão são meios auxiliares para o conhecimento e diagnostico das doenças do thorax, e indispensaveis em algumas d'ellas.

ANATOMIA PATHOLOGICA.—A chamada cellula cancerosa não é um elemento especifico do cancro.

PARTOS.—Só se deverá fazer a operação cesariana, quando as esperanças de salvar a puerpera por outros meios estiverem inteiramente perdidas, bem como debaixo de seu consentimento.

HYGIENE PUBLICA.—A prostituição é um obstaculo ao augmento da população.

Approvada.
Porto, 22 de junho de 1870.

Macedo Pinto,
Presidente.

Póde imprimir-se.
Porto, 23 de junho de 1870.

Costa Leite,
Director.